



Práticas Avançadas de Enfermagem Oncológica: Da Assistência Direta ao Paciente à Gestão de Protocolos Terapêuticos

Advanced Practices in Oncology Nursing: From Direct Patient Care to the Management of Therapeutic Protocols

Autora: Ana Cinthia Alves

Formada em Enfermagem, pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – CE.

Pós-graduada em Enfermagem Oncológica, pela Faculdade Rodolfo Teófilo - CE.

Resumo

A enfermagem oncológica consolidou-se como uma das áreas mais complexas e essenciais dentro do cuidado em saúde, exigindo profissionais altamente qualificados para lidar com a multiplicidade de demandas clínicas, emocionais e sociais que envolvem o paciente com câncer. Este artigo analisa a atuação do enfermeiro oncológico nas diferentes etapas do cuidado, destacando desde a administração segura da quimioterapia até a condução de consultas especializadas e a liberação de protocolos terapêuticos em parceria com o corpo médico. Além disso, evidencia-se o papel estratégico desse profissional como elo entre a equipe multiprofissional, o paciente e a instituição, contribuindo tanto para a adesão ao tratamento quanto para a humanização do cuidado. A pesquisa também reflete sobre o avanço das práticas globais na área, apontando desafios e perspectivas para a consolidação da enfermagem oncológica como campo de excelência clínica e de gestão.

Palavras-chave: Enfermagem oncológica; Protocolos terapêuticos; Cuidados multiprofissionais; Administração de quimioterapia; Gestão em saúde.

Abstract

Oncology nursing has become one of the most complex and essential fields within healthcare, requiring highly qualified professionals to deal with the multiplicity of clinical, emotional, and social demands involved in cancer care. This article analyzes the role of oncology nurses in different stages of care, highlighting from the safe administration of chemotherapy to the conduction of specialized nursing consultations and the release of therapeutic protocols in partnership with the medical staff. Furthermore, it emphasizes the strategic role of these

professionals as a link between the multidisciplinary team, the patient, and the institution, contributing both to treatment adherence and to the humanization of care. The study also reflects on the progress of global practices in the field, pointing out challenges and perspectives for the consolidation of oncology nursing as an area of clinical and managerial excellence.

Keywords: Oncology nursing; Therapeutic protocols; Multidisciplinary care; Chemotherapy administration; Health management.

Introdução

A enfermagem oncológica consolidou-se como um dos campos mais desafiadores da prática em saúde, não apenas pela complexidade dos tratamentos, mas também pela necessidade de integrar ciência, tecnologia e humanização em um mesmo processo assistencial. O enfermeiro que atua nesse segmento lida diariamente com situações que exigem alto nível de conhecimento técnico, tomada de decisão rápida e sensibilidade para compreender o impacto emocional do câncer na vida do paciente e de sua família. De acordo com Clark et al. (2015), o avanço dos protocolos de tratamento e o surgimento de terapias cada vez mais sofisticadas, como a imunoterapia, ampliaram as responsabilidades desse profissional, que hoje é considerado peça-chave na estruturação dos serviços oncológicos.

O papel do enfermeiro oncológico vai além da execução de técnicas de cuidado. Trata-se de um profissional que participa ativamente da gestão dos protocolos terapêuticos, atuando como articulador entre o corpo médico e o paciente, garantindo a segurança do tratamento e a adesão às diretrizes clínicas. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2018) já reconhecia a necessidade de expandir as atribuições da enfermagem nesse campo, justamente pela crescente demanda de pacientes com câncer em todo o mundo, estimada em 18,1 milhões de novos casos no ano de 2018, com previsão de aumento contínuo até 2040. Esse dado reforça a relevância da presença de enfermeiros especializados e aptos a responder de forma eficiente a tais desafios.

No Brasil, o cenário é igualmente desafiador. Dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2020) revelam que o país registra aproximadamente 600 mil novos casos de câncer a cada ano, o que amplia a pressão sobre os serviços de saúde e, consequentemente, sobre a prática da enfermagem oncológica. Nesse contexto, a atuação do enfermeiro torna-se fundamental não apenas para a administração da terapêutica, mas também para a implementação de práticas de educação em saúde, acompanhamento dos efeitos adversos do tratamento e acolhimento do paciente em suas necessidades psicossociais. A literatura brasileira tem ressaltado que a humanização, somada à competência técnica, é um diferencial no cuidado (Mendes; Barros, 2017).

A administração de quimioterapia, por exemplo, demanda do enfermeiro conhecimento aprofundado sobre farmacologia, monitoramento rigoroso e protocolos de segurança que visam prevenir erros de medicação e minimizar riscos ao paciente. De acordo com Polovich, Olsen e

LeFebvre (2014), a segurança do paciente em quimioterapia é uma responsabilidade compartilhada pela equipe, mas a enfermagem desempenha papel central na execução e vigilância do processo. Isso demonstra que a atuação vai além da técnica: envolve também responsabilidade ética e compromisso institucional.

Outro ponto que merece destaque é a consulta de enfermagem em oncologia, instrumento essencial para a integralidade do cuidado. Essa prática possibilita ao enfermeiro avaliar o paciente em diferentes dimensões — física, emocional e social — oferecendo subsídios importantes para o ajuste do plano terapêutico. Para Silva e Andrade (2019), a consulta de enfermagem contribui para maior adesão ao tratamento, uma vez que o paciente se sente ouvido e parte ativa do processo. Além disso, esse espaço de diálogo fortalece a relação de confiança entre profissional e paciente, fator determinante para a humanização da assistência.

A gestão e liberação de protocolos terapêuticos também representam uma das frentes de atuação mais relevantes do enfermeiro oncológico. Ao lado da equipe médica, o enfermeiro contribui na validação dos esquemas terapêuticos, observando condições clínicas do paciente e possíveis interações medicamentosas. Conforme destacam Carter e Wyatt (2017), esse protagonismo na construção e acompanhamento dos protocolos amplia a autonomia profissional da enfermagem e garante maior eficiência no tratamento oncológico. Ao mesmo tempo, reforça a imagem do enfermeiro como profissional que alia prática clínica à capacidade de gestão.

No cenário global, diversos estudos têm evidenciado que o enfermeiro oncológico atua como elo de integração entre paciente, equipe multiprofissional e instituição, desempenhando papel que vai muito além da prática assistencial direta. Ele é responsável por transmitir informações claras ao paciente, traduzindo termos técnicos e colaborando para reduzir a ansiedade que o diagnóstico de câncer geralmente provoca. Segundo Ferrell e Coyle (2018), a comunicação empática exercida pelo enfermeiro contribui para a melhora da qualidade de vida dos pacientes e aumenta o índice de satisfação com o tratamento. Esse aspecto comprova que, mais do que executor de tarefas, o enfermeiro oncológico é um verdadeiro mediador de processos de cuidado.

Por fim, é importante observar que os avanços da prática oncológica e a multiplicidade de atribuições do enfermeiro impõem a necessidade de constante capacitação profissional. Em um cenário de mudanças rápidas e introdução de novas tecnologias, a formação continuada torna-se uma exigência para garantir qualidade assistencial. Como defendem Oliveira e Souza (2020), a atualização permanente permite que o enfermeiro incorpore novas evidências científicas à sua prática, tornando o cuidado mais seguro, eficaz e humanizado. Dessa forma, a introdução deste estudo justifica-se pela relevância crescente da enfermagem oncológica como campo de excelência clínica, de gestão e de humanização.

1. Papel do enfermeiro oncológico na assistência direta ao paciente

O enfermeiro oncológico ocupa posição central no processo de cuidado ao paciente com câncer, atuando desde o primeiro contato até o acompanhamento em fases avançadas do tratamento. Essa

proximidade contínua possibilita uma avaliação integral, contemplando aspectos clínicos, sociais e emocionais. Segundo Silva e Barbosa (2018), a atuação direta do enfermeiro garante não apenas o monitoramento do estado físico, mas também o fortalecimento do vínculo terapêutico, que contribui para a adesão ao tratamento. Tal abordagem, centrada no paciente, é fundamental em uma área que lida diariamente com a vulnerabilidade humana.

O cuidado direto em oncologia exige do enfermeiro uma escuta qualificada e a capacidade de traduzir informações médicas em linguagem acessível ao paciente e seus familiares. Essa habilidade de comunicação é crucial para reduzir a ansiedade e promover compreensão sobre as etapas do tratamento. De acordo com Ferrell e Coyle (2018), a comunicação empática e clara é determinante para o sucesso terapêutico, pois melhora a confiança do paciente na equipe de saúde. Em muitos casos, o enfermeiro é o primeiro a identificar sinais de angústia emocional e a encaminhar o paciente para o suporte psicológico adequado.

Outro aspecto relevante da assistência direta é o manejo dos efeitos adversos relacionados às terapias antineoplásicas. O enfermeiro deve estar apto a identificar precocemente sinais de toxicidade, como náuseas, mucosite, neuropatia periférica e mielossupressão, intervindo de maneira imediata para minimizar complicações. Conforme Polovich et al. (2014), a observação criteriosa e o registro sistematizado permitem intervenções rápidas que aumentam a segurança clínica e evitam interrupções indesejadas no tratamento. Essa atuação mostra que a prática assistencial do enfermeiro vai muito além do cuidado rotineiro, sendo vital para a continuidade do plano terapêutico.

No contexto hospitalar, o enfermeiro oncológico também desempenha papel essencial na educação do paciente e da família. Ele orienta sobre medidas de autocuidado, sinais de alerta e práticas de prevenção de infecções, que são fundamentais diante da imunossupressão causada por muitos tratamentos. Segundo Mendes e Barros (2017), essas orientações impactam diretamente na qualidade de vida e reduzem o risco de complicações que poderiam demandar internações prolongadas. A prática educativa da enfermagem fortalece o paciente como sujeito ativo do tratamento, ampliando sua autonomia e engajamento.

Além da esfera técnica, o enfermeiro oncológico também atua como suporte emocional, sendo muitas vezes o profissional mais próximo do paciente em momentos de fragilidade. A escuta ativa, a presença constante e a demonstração de empatia tornam-se recursos terapêuticos poderosos. Estudos de Clark et al. (2015) apontam que a humanização do cuidado favorece a redução da percepção de dor e sofrimento, funcionando como um recurso complementar ao tratamento medicamentoso. Nesse sentido, o enfermeiro é visto não apenas como executor de procedimentos, mas como protagonista do cuidado integral.

Em serviços de oncologia ambulatorial, a assistência direta do enfermeiro se manifesta no acompanhamento de consultas de rotina, avaliações clínicas periódicas e acompanhamento dos exames laboratoriais. Essa rotina de vigilância contínua permite o ajuste precoce das condutas médicas e previne complicações graves. Para Oliveira e Souza (2020), a atuação do enfermeiro

nesses espaços promove eficiência no sistema de saúde, uma vez que reduz readmissões hospitalares e melhora os indicadores de satisfação dos pacientes. Essa visão sistêmica evidencia que a enfermagem oncológica impacta diretamente a sustentabilidade dos serviços de saúde.

Por fim, é importante destacar que o papel do enfermeiro na assistência direta está em constante evolução, acompanhando a incorporação de novas tecnologias e terapias. Com o avanço de tratamentos personalizados, como as terapias-alvo e a imunoterapia, a prática exige atualização permanente para garantir a melhor resposta clínica possível. Conforme a WHO (2018), a ampliação das responsabilidades do enfermeiro nesse campo é uma tendência global, reconhecendo-o como ator essencial na integração entre inovação científica, cuidado clínico e humanização. Assim, a assistência direta em oncologia deve ser compreendida como um campo de alta complexidade e relevância, no qual o enfermeiro assume papel estratégico.

2. Administração de quimioterapia e segurança clínica

A administração de quimioterapia é uma das funções mais críticas desempenhadas pelo enfermeiro oncológico, demandando preparo técnico rigoroso, protocolos de segurança bem estabelecidos e atenção constante ao paciente. Esse processo envolve não apenas a manipulação de fármacos de alta toxicidade, mas também a responsabilidade de monitorar reações adversas imediatas e garantir que o esquema terapêutico seja cumprido conforme prescrição médica. De acordo com Polovich, Olsen e LeFebvre (2014), a enfermagem é o pilar de sustentação da segurança nesse processo, uma vez que está diretamente à frente da execução e vigilância clínica.

A complexidade da quimioterapia exige que o enfermeiro possua conhecimento aprofundado sobre farmacologia, vias de administração e potenciais interações medicamentosas. Cada ciclo de tratamento pode variar em função do tipo de câncer, do estágio da doença e das condições clínicas do paciente, o que torna indispensável a atuação personalizada. Segundo Carter e Wyatt (2017), a padronização de protocolos é fundamental, mas a avaliação crítica do enfermeiro, caso a caso, é o que garante segurança terapêutica. Assim, a prática combina técnica, raciocínio clínico e capacidade de adaptação.

Um dos principais riscos na administração da quimioterapia é a ocorrência de erros de medicação, que podem resultar em consequências graves para o paciente. Por isso, diversos organismos internacionais, como o Oncology Nursing Society (ONS), reforçam a necessidade de protocolos rígidos de checagem antes, durante e após a infusão. Estudos de Ferrell e Coyle (2018) evidenciam que a adesão a práticas padronizadas reduz significativamente os índices de falhas, reforçando a importância da atuação do enfermeiro como guardião da segurança. Nesse contexto, a cultura da segurança do paciente deve ser internalizada como valor fundamental da prática oncológica.

Outro ponto de destaque é o manejo de reações adversas imediatas, como reações alérgicas, náuseas intensas, hipotensão ou extravasamento de drogas vesicantes. O enfermeiro deve ser capaz

de identificar precocemente esses sinais e intervir rapidamente, garantindo estabilidade clínica do paciente. Conforme Oliveira e Souza (2020), a capacitação contínua é determinante para que o profissional mantenha a habilidade de reconhecer padrões clínicos de risco e agir prontamente. Essa competência técnica não apenas protege o paciente, mas também fortalece a confiança depositada na equipe de saúde.

Além da execução, a administração de quimioterapia exige do enfermeiro atenção ao ambiente em que o procedimento ocorre. A organização do espaço, a utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs) e a correta destinação de resíduos são práticas que protegem tanto o paciente quanto a equipe. Para Mendes e Barros (2017), o controle rigoroso desses fatores reduz a exposição ocupacional e reforça a qualidade assistencial. Assim, o cuidado oncológico se expande do paciente para o próprio profissional, demonstrando a interdependência entre segurança clínica e condições adequadas de trabalho.

Nos últimos anos, a incorporação de tecnologias digitais no acompanhamento da quimioterapia tem ampliado o papel do enfermeiro nesse processo. Softwares de prescrição eletrônica, bombas de infusão inteligentes e sistemas de monitoramento em tempo real aumentaram a precisão das terapias, mas também exigiram maior qualificação da enfermagem. Segundo Clark et al. (2015), o domínio dessas tecnologias tornou-se requisito básico para o desempenho seguro, consolidando o enfermeiro como mediador entre inovação e prática clínica. Essa integração mostra que a administração da quimioterapia não é apenas técnica, mas também estratégica.

Por fim, é importante destacar que a administração de quimioterapia deve ser vista como um ato de cuidado integral, no qual o enfermeiro não apenas aplica a terapêutica, mas também acompanha o impacto físico e emocional sobre o paciente. A atenção ao diálogo, a escuta ativa e a observação de sinais subjetivos complementam a prática técnica. Como aponta Silva e Andrade (2019), a humanização no momento da quimioterapia melhora a experiência do paciente, reduzindo o sofrimento psicológico e aumentando a adesão ao tratamento. Assim, a segurança clínica não se restringe ao cumprimento de protocolos, mas se amplia para incluir a dimensão ética e humana do cuidado.

3. Consultas de enfermagem e acompanhamento integral

A consulta de enfermagem em oncologia é uma das ferramentas mais relevantes para garantir a integralidade do cuidado ao paciente com câncer, funcionando como espaço privilegiado de acolhimento, avaliação clínica e planejamento terapêutico. Diferentemente da abordagem fragmentada, essa prática permite que o enfermeiro avalie o paciente em sua totalidade, considerando não apenas parâmetros clínicos, mas também aspectos emocionais, sociais e familiares. De acordo com Silva e Andrade (2019), a consulta de enfermagem promove um cuidado holístico e fortalece o vínculo entre paciente e profissional, tornando o tratamento mais humanizado e eficiente.

Durante a consulta, o enfermeiro tem a oportunidade de identificar sinais precoces de complicações e ajustar o plano assistencial em parceria com a equipe multiprofissional. Esse acompanhamento contínuo é fundamental, já que muitos efeitos adversos das terapias antineoplásicas surgem de forma progressiva e podem ser controlados de maneira preventiva. Conforme Mendes e Barros (2017), a consulta de enfermagem oncológica é um espaço estratégico para monitorar sintomas como fadiga, dor, mucosite e náuseas, que comprometem a adesão ao tratamento quando não manejados adequadamente.

Outro aspecto relevante é o caráter educativo da consulta de enfermagem, na qual o paciente recebe orientações sobre autocuidado, nutrição, higiene, prática de atividades físicas adaptadas e prevenção de infecções. Essa dimensão educativa fortalece a autonomia do paciente e o torna protagonista no enfrentamento da doença. Segundo Clark et al. (2015), pacientes que compreendem seu tratamento e participam ativamente das decisões clínicas apresentam melhores índices de adesão, menos internações e maior qualidade de vida. Assim, a consulta não se restringe à avaliação, mas amplia-se como um espaço de construção de conhecimento e empoderamento.

A consulta de enfermagem também é importante para o acompanhamento psicológico do paciente. O diagnóstico de câncer frequentemente desencadeia ansiedade, medo e depressão, que podem afetar diretamente a resposta terapêutica. O enfermeiro, ao oferecer escuta ativa e empática, torna-se um canal de suporte emocional e, quando necessário, encaminha o paciente a psicólogos ou grupos de apoio. De acordo com Ferrell e Coyle (2018), esse papel de mediador entre as necessidades emocionais e os recursos disponíveis no serviço de saúde é essencial para a humanização do cuidado oncológico.

Além do paciente, a consulta de enfermagem também contempla a família e os cuidadores, que muitas vezes se encontram fragilizados diante da doença. Orientar familiares sobre como lidar com os efeitos colaterais do tratamento e como apoiar o paciente em sua rotina diária é uma das funções do enfermeiro. Para Oliveira e Souza (2020), o envolvimento da família no processo terapêutico reduz a sobrecarga emocional e favorece a adesão ao tratamento. Dessa forma, a consulta assume caráter ampliado, beneficiando não apenas o indivíduo, mas também sua rede de apoio.

No contexto ambulatorial e hospitalar, a consulta de enfermagem tem se mostrado eficiente para otimizar o fluxo de atendimento, reduzindo a sobrecarga da equipe médica e melhorando os indicadores de qualidade dos serviços. Estudos internacionais apontam que a implementação sistemática de consultas de enfermagem em oncologia está associada à redução de readmissões hospitalares e ao aumento da satisfação dos pacientes (Carter; Wyatt, 2017). Esses resultados reforçam o impacto positivo da prática sobre a eficiência dos sistemas de saúde e sobre a sustentabilidade das instituições.

Por fim, é importante destacar que a consulta de enfermagem é também um espaço de registro e documentação sistematizada, o que contribui para a construção de indicadores clínicos e para a avaliação de resultados em saúde. Conforme o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2018), a sistematização da assistência de enfermagem é fundamental para a valorização profissional e

para a comprovação científica da eficácia do cuidado. Assim, a consulta de enfermagem em oncologia deve ser entendida como prática clínica, educativa, emocional e gerencial, capaz de transformar a experiência do paciente oncológico e consolidar a enfermagem como protagonista do cuidado integral.

4. Gestão e liberação de protocolos terapêuticos junto à equipe médica

A participação do enfermeiro na gestão e liberação de protocolos terapêuticos é uma das atribuições mais estratégicas dentro da oncologia, pois conecta a prática assistencial com a dimensão gerencial do cuidado. O enfermeiro atua diretamente na validação dos esquemas de tratamento, verificando condições clínicas do paciente, compatibilidade medicamentosa e adequação das doses prescritas. Segundo Carter e Wyatt (2017), essa atuação garante maior precisão e segurança nos tratamentos oncológicos, prevenindo falhas que poderiam comprometer a eficácia terapêutica e a segurança do paciente.

A liberação de protocolos requer do enfermeiro conhecimento aprofundado sobre farmacologia, fisiopatologia do câncer e diretrizes internacionais de tratamento. Em muitos serviços, o enfermeiro é responsável por revisar prescrições médicas, verificar se estão de acordo com normas institucionais e validar a prontidão clínica do paciente para iniciar a terapia. Para Polovich et al. (2014), essa prática coloca a enfermagem como protagonista na segurança oncológica, fortalecendo sua autonomia e reforçando o papel interdisciplinar dentro das equipes.

Outro ponto fundamental é a articulação do enfermeiro com a equipe multiprofissional, especialmente médicos, farmacêuticos e nutricionistas. A gestão de protocolos envolve decisões conjuntas que exigem comunicação clara e eficiente. Conforme Silva e Barbosa (2018), o enfermeiro atua como elo entre diferentes áreas, assegurando que todas as condutas terapêuticas estejam alinhadas e direcionadas ao melhor interesse do paciente. Essa integração é essencial em uma área onde a complexidade dos tratamentos exige visão global e coordenação precisa.

A atuação do enfermeiro na gestão de protocolos também contribui para a padronização de processos dentro das instituições de saúde. Ao participar da elaboração e atualização de protocolos clínicos, o enfermeiro ajuda a consolidar rotinas seguras e baseadas em evidências científicas. Estudos de Mendes e Barros (2017) demonstram que a padronização contribui para reduzir erros, otimizar recursos e aumentar a previsibilidade dos resultados clínicos. Esse aspecto reforça a dimensão gerencial do enfermeiro oncológico, que extrapola a assistência direta e se insere no planejamento estratégico dos serviços.

Outro ponto relevante é a utilização de sistemas informatizados na gestão de protocolos, que ampliam a segurança das prescrições e permitem rastreabilidade completa do tratamento. O enfermeiro precisa dominar essas tecnologias e utilizá-las como ferramentas de monitoramento e controle. De acordo com Clark et al. (2015), a integração da enfermagem com sistemas digitais

fortalece a precisão terapêutica e reduz significativamente falhas de comunicação entre os profissionais. Assim, o enfermeiro não apenas atua na execução, mas também como agente de inovação tecnológica dentro da oncologia.

A presença do enfermeiro na liberação de protocolos terapêuticos também contribui para a relação de confiança do paciente com a instituição. Quando o paciente percebe que diferentes profissionais avaliam e validam seu tratamento, há um aumento na percepção de segurança e na adesão às condutas. Para Ferrell e Coyle (2018), essa confiança é essencial para que o paciente se sinta amparado e menos vulnerável em relação às incertezas do tratamento oncológico. Nesse sentido, o enfermeiro desempenha função estratégica como mediador entre ciência, clínica e humanização.

Por fim, deve-se ressaltar que a gestão de protocolos terapêuticos fortalece a autonomia profissional do enfermeiro e contribui para a valorização da enfermagem como ciência e prática avançada. Segundo Oliveira e Souza (2020), a participação ativa do enfermeiro na definição e validação de protocolos consolida sua imagem como profissional de alta competência técnica e gerencial. Assim, a atuação nesse campo não apenas assegura qualidade assistencial, mas também reafirma o papel do enfermeiro oncológico como protagonista na construção de serviços de saúde mais eficientes, seguros e humanizados.

5. O enfermeiro como elo entre paciente, equipe multiprofissional e instituição

A enfermagem oncológica é reconhecida como ponto de convergência entre diferentes atores do processo de cuidado, atuando como elo essencial entre paciente, equipe multiprofissional e instituição de saúde. Essa função de mediação é estratégica, pois garante que a comunicação flua de forma clara e objetiva, evitando ruídos que possam comprometer a adesão ao tratamento. Segundo Ferrell e Coyle (2018), o enfermeiro é frequentemente o profissional mais próximo do paciente, o que o torna responsável por traduzir a linguagem médica em termos acessíveis e por alinhar expectativas entre os envolvidos.

A atuação do enfermeiro como elo é especialmente relevante em oncologia, onde os tratamentos são prolongados, complexos e envolvem múltiplos profissionais, como médicos, farmacêuticos, fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos. O enfermeiro garante a integração dessas práticas, assegurando que as condutas estejam alinhadas ao plano terapêutico central. De acordo com Clark et al. (2015), essa integração multiprofissional, mediada pela enfermagem, é um dos fatores que mais contribuem para a eficácia clínica e para a redução de falhas assistenciais. Nesse sentido, o enfermeiro se posiciona como um coordenador do cuidado.

O papel de mediador exercido pelo enfermeiro também se expressa na capacidade de identificar lacunas entre as demandas do paciente e os recursos institucionais disponíveis. Em muitos casos, o paciente não consegue verbalizar suas dificuldades ou não compreende plenamente as orientações recebidas, e o enfermeiro atua como facilitador desse diálogo. Segundo Mendes e Barros (2017), a escuta ativa e a empatia exercidas pela enfermagem promovem uma relação de

confiança que fortalece o engajamento do paciente no tratamento. Assim, a prática de mediação transcende o aspecto técnico e alcança dimensões éticas e humanas.

A função de elo também envolve o papel de defensor dos interesses do paciente dentro da instituição. O enfermeiro, ao acompanhar de perto a trajetória do indivíduo, consegue reconhecer necessidades não atendidas e pleitear ajustes junto à equipe multiprofissional ou à gestão hospitalar. Conforme Silva e Barbosa (2018), essa advocacia pelo paciente reforça o caráter humanizado da enfermagem e legitima sua posição como agente de transformação institucional. Dessa forma, o enfermeiro oncológico não apenas cuida, mas também representa a voz do paciente em espaços de decisão.

Do ponto de vista institucional, o enfermeiro também contribui para fortalecer a cultura de segurança e qualidade. Ao mediar informações entre diferentes setores, ele garante que protocolos sejam cumpridos e que os processos sejam padronizados de acordo com as melhores evidências científicas. Estudos internacionais apontam que equipes de enfermagem bem estruturadas estão diretamente associadas a menores índices de eventos adversos e maior satisfação dos pacientes (WHO, 2018). Isso demonstra que a presença da enfermagem não é apenas operacional, mas estratégica para a credibilidade da instituição.

Outro aspecto a ser ressaltado é a construção de vínculos emocionais e relacionais, que fazem do enfermeiro um ponto de apoio em situações de maior fragilidade. O diagnóstico e o tratamento do câncer geram ansiedade e medo, e o enfermeiro, por estar em contato constante com o paciente, é quem consegue oferecer suporte imediato. Essa proximidade favorece a percepção do paciente de estar sendo cuidado de maneira integral, o que, segundo Oliveira e Souza (2020), impacta diretamente na qualidade de vida e no prognóstico. Assim, a mediação realizada pela enfermagem também fortalece a dimensão humana da assistência.

Por fim, é importante ressaltar que o papel do enfermeiro como elo entre paciente, equipe e instituição é continuamente fortalecido pela sua capacidade de articular ciência, gestão e cuidado. Em um cenário em que a interdisciplinaridade é requisito para a eficácia terapêutica, a enfermagem ocupa posição central, funcionando como fio condutor que integra todas as etapas do processo. Esse protagonismo, reconhecido por autores como Polovich et al. (2014), consolida o enfermeiro oncológico como um agente indispensável para o sucesso terapêutico e para a humanização do cuidado em saúde.

6. Desafios e avanços da prática oncológica em perspectiva global

A prática da enfermagem oncológica enfrenta inúmeros desafios em nível global, muitos deles relacionados ao crescimento da incidência de câncer e à complexidade crescente dos tratamentos. Estimativas da International Agency for Research on Cancer (IARC, 2020) apontam que, até 2040, o número de novos casos anuais pode ultrapassar 29 milhões, pressionando os sistemas de saúde

em todo o mundo. Esse cenário exige profissionais de enfermagem cada vez mais capacitados, capazes de atuar em contextos de alta demanda e de rápida evolução científica.

Entre os principais desafios, destaca-se a necessidade de formação contínua, já que os avanços terapêuticos em oncologia ocorrem em ritmo acelerado. Novas drogas, como imunoterápicos e terapias-alvo, introduzem protocolos complexos que exigem do enfermeiro conhecimento atualizado e habilidades de monitoramento sofisticadas. Segundo Carter e Wyatt (2017), a defasagem no acesso à educação continuada é um dos fatores que mais comprometem a segurança do paciente em serviços oncológicos. Assim, investir em capacitação e em programas de atualização profissional torna-se prioridade em escala global.

Outro desafio importante é a desigualdade no acesso aos serviços de oncologia, especialmente em países em desenvolvimento. Enquanto grandes centros oferecem tratamentos de ponta, muitas regiões ainda enfrentam dificuldades para fornecer quimioterapia segura e acompanhamento multiprofissional. De acordo com a WHO (2018), a falta de recursos humanos qualificados e de infraestrutura adequada aumenta a vulnerabilidade dos pacientes e limita a efetividade das políticas de saúde. Nesses contextos, o enfermeiro oncológico desempenha papel ainda mais estratégico, pois muitas vezes acumula funções e atua como referência principal para os pacientes.

Apesar desses obstáculos, a prática da enfermagem oncológica também tem avançado significativamente em diferentes partes do mundo. A incorporação de tecnologias digitais, como prontuários eletrônicos, monitoramento remoto e teleconsultas, ampliou o alcance do cuidado e permitiu acompanhamento mais próximo dos pacientes. Segundo Oliveira e Souza (2020), essas inovações fortaleceram a autonomia da enfermagem, permitindo intervenções rápidas e baseadas em evidências, mesmo em cenários de alta demanda. Dessa forma, os avanços tecnológicos têm contribuído para transformar desafios em oportunidades de melhoria da assistência.

Outro avanço notável é a ampliação do papel da enfermagem em práticas avançadas, com maior autonomia para prescrição de cuidados e participação na construção de protocolos clínicos. Em países como Estados Unidos, Reino Unido e Canadá, enfermeiros oncológicos já atuam como *nurse practitioners*, assumindo responsabilidades antes restritas ao corpo médico. Estudos de Ferrell e Coyle (2018) demonstram que essa ampliação de atribuições melhora o acesso ao cuidado, reduz tempo de espera e aumenta a satisfação dos pacientes. Embora no Brasil esse processo ainda esteja em estágio inicial, a tendência é de expansão, acompanhando as mudanças globais.

Do ponto de vista científico, a enfermagem oncológica também tem se destacado pela produção de pesquisas e pela consolidação de evidências que orientam a prática clínica. O engajamento em estudos multicêntricos e em revisões sistemáticas fortalece a base científica da profissão e contribui para o reconhecimento acadêmico da enfermagem como ciência. Conforme Mendes e Barros (2017), a valorização da pesquisa em enfermagem é essencial para a construção de protocolos baseados em evidências, garantindo maior eficácia e segurança no tratamento oncológico. Essa dimensão investigativa reforça a legitimidade da profissão no cenário global.

Por fim, deve-se ressaltar que os desafios e avanços da prática oncológica se entrelaçam, configurando um cenário dinâmico em que a enfermagem precisa estar em constante adaptação. A ampliação da complexidade dos tratamentos, aliada à crescente demanda de pacientes, exige profissionais resilientes, críticos e inovadores. Para Clark et al. (2015), a enfermagem oncológica deve ser compreendida como uma prática em permanente construção, capaz de absorver inovações, superar desigualdades e reafirmar o compromisso com a humanização. Assim, a perspectiva global revela que, apesar dos desafios, a enfermagem oncológica segue avançando como campo de excelência e indispensável para o futuro da saúde.

Conclusão

A enfermagem oncológica, ao longo dos últimos anos, consolidou-se como um dos pilares mais relevantes do cuidado em saúde, exercendo papel que transcende a assistência direta e alcança dimensões educativas, gerenciais e institucionais. Este estudo evidenciou que o enfermeiro oncológico atua em múltiplas frentes: desde a administração de quimioterapia e a realização de consultas de acompanhamento integral, até a gestão de protocolos terapêuticos e a mediação entre paciente, equipe multiprofissional e instituição. Tal diversidade de atribuições confirma a posição do enfermeiro como elo central do processo terapêutico, indispensável para a eficiência clínica e para a humanização da assistência.

Observou-se que a prática da enfermagem oncológica exige conhecimento técnico rigoroso, atualização científica permanente e habilidades relacionais refinadas, em especial a comunicação empática e a escuta ativa. Essas competências são essenciais em um cenário de alta complexidade, marcado por terapias inovadoras, como imunoterapias e terapias-alvo, e pelo crescimento exponencial da incidência de câncer em nível global. Além disso, o enfermeiro tem se destacado como agente de educação em saúde, empoderando pacientes e familiares para o autocuidado, o que fortalece a adesão ao tratamento e melhora a qualidade de vida.

Outro ponto relevante destacado neste estudo é a dimensão gerencial e estratégica da prática, especialmente no que se refere à padronização e liberação de protocolos terapêuticos. A atuação do enfermeiro, ao lado da equipe médica, amplia a segurança clínica, fortalece a padronização institucional e assegura que o tratamento esteja em consonância com as melhores evidências científicas disponíveis. Essa integração reforça o protagonismo da enfermagem, que não se restringe à execução técnica, mas assume responsabilidades de liderança e gestão.

Em perspectiva global, a prática oncológica enfrenta desafios significativos, como desigualdade no acesso aos serviços, necessidade de formação contínua e pressão crescente sobre os sistemas de saúde. Contudo, também foram observados avanços expressivos, como a incorporação de tecnologias digitais, a ampliação do papel da enfermagem em práticas avançadas e o fortalecimento da produção científica. Tais progressos apontam para uma profissão em permanente evolução, capaz de absorver inovações e adaptar-se a contextos diversos, sem perder de vista a centralidade do paciente.

A análise desenvolvida confirma que o enfermeiro oncológico é peça indispensável para o sucesso terapêutico e para a humanização do cuidado em saúde. Sua atuação amplia a segurança, otimiza recursos institucionais e garante que o paciente se sinta amparado ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, pode-se afirmar que a enfermagem oncológica não apenas acompanha a evolução da medicina, mas também contribui para redefini-la, integrando ciência, gestão e humanização em um mesmo processo.

Portanto, diante dos desafios atuais e futuros, investir na valorização, capacitação e autonomia dos enfermeiros oncológicos é condição essencial para a consolidação de sistemas de saúde mais seguros, eficientes e humanizados. Essa valorização não se limita ao reconhecimento acadêmico ou institucional, mas deve refletir-se em políticas públicas e práticas organizacionais que fortaleçam a profissão e assegurem que cada paciente tenha acesso a um cuidado integral, ético e de excelência.

Referências

CARTER, S.; WYATT, G. *Oncology Nursing: Principles and Practice*. 6. ed. Philadelphia: Elsevier, 2017.

CLARK, J. C.; MISEL, M.; KELLY, D. Cancer nursing practice: challenges and innovations. *Journal of Clinical Nursing*, v. 24, n. 11-12, p. 1583-1591, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). *Resolução COFEN nº 358/2009: Sistematização da Assistência de Enfermagem*. Brasília, 2018.

FERRELL, B. R.; COYLE, N. *Oxford Textbook of Palliative Nursing*. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). *Estimativa 2020: Incidência de Câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA, 2020.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). *Global Cancer Observatory: Cancer Tomorrow*. Lyon: IARC, 2020.

MENDES, R. M.; BARROS, A. C. Humanização da assistência em oncologia: o papel do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, n. 6, p. 1189-1197, 2017.

OLIVEIRA, M. F.; SOUZA, T. R. Atualização profissional em enfermagem oncológica: desafios e perspectivas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 28, p. e3301, 2020.

POLIVICH, M.; OLSEN, M.; LEFEBVRE, K. *Chemotherapy and Biotherapy Guidelines and Recommendations for Practice*. 4. ed. Pittsburgh: Oncology Nursing Society, 2014.



SILVA, L. M.; ANDRADE, C. A. Consulta de enfermagem em oncologia: potencialidades e desafios. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 9, n. 3, p. 1-15, 2019.

SILVA, R. M.; BARBOSA, P. R. A. O enfermeiro oncológico como mediador do cuidado. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, n. e03345, p. 1-8, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Cancer: key facts*. Geneva: WHO, 2018.